

SILENCIOSA E TRANQUILA TERRA DE CASAS VAZIAS

Por André de Leones.

Não me recordo do dia exato em que comecei a escrever *Terra de casas vazias*. Sei que estava em Jerusalém, hospedado em um hostel e lendo *Meu Michel*, romance de Amós Oz. O título rondava a minha cabeça há tempos. Não só o título, mas uma frase inteira, que depois viria a integrar o livro: "Silenciosa e tranquila terra de casas vazias". Não queria escrever outra ficção-científica e muito menos um novo romance apocalítico (já tinha terminado meu *Dentes negros*). Então, pensei em colocar na cabeça de uma personagem essa ideia maluca sobre um "apocalipse higiênico", por meio do qual Deus extinguisse toda a vida humana, mas mantivesse os prédios, cidades e casas, agora vazios. Uma silenciosa e tranquila terra de casas vazias, portanto.

Mas por que alguém pensaria numa coisa dessas? Não sei.

Sei que essa ideia e a sensação ligada a ela estavam diretamente relacionadas com o momento pelo qual passava então, sozinho num país estrangeiro, necessitado desse afastamento momentâneo a fim de colocar as ideias e o coração no lugar para, depois, onde quer que fosse, como quer que fosse, recomeçar. Daí que o livro por escrever também teria essa característica: *Terra de casa vazias* é um romance povoado por personagens que, de uma forma ou de outra e pelas razões mais díspares, tentam, procuram e/ou precisam se reestruturar.

Pensei, então, num casal que atravessa meio globo para tentar se recompôr depois de sofrer uma perda. Para fugir do velhíssimo arco inerente a histórias de "perda e superação", desde aquele primeiro momento eu entendi que deveria deixar a parte da "superação" em suspenso ou, melhor ainda, sequer abordá-la. A ideia foi justamente a de encontrar esses personagens num momento crítico, caminhar por eles por algum tempo e, depois, discretamente, deixá-los. Até porque ninguém se recupera por completo de certas coisas. De resto, eu já não suporto histórias "redondas", que trazem uma conclusão incontornável, do tipo "e eles viveram felizes (ou infelizes) para sempre". O que não é contado ilumina o que é contado.

Assim, *Terra de casas vazias* é formado por cacos de histórias ou, melhor dizendo, por uma série de momentos que dizem algo (jamais "tudo") sobre esses personagens. É um romance incompleto sobre pessoas incompletas. Não há a mísera intenção de abarcá-las em sua "totalidade". É mais uma tentativa delicada de aproximação e entendimento. Criei esses personagens e os deixo respirar, por mais que, às vezes, pareça que não. Eu os observo a uma certa distância e torço para que, em seus melhores momentos, eles permitam que eu e os leitores estejamos com eles. É uma caminhada silenciosa e, com frequência, desoladora. O que a torna suportável é pensar que eles e nós não estamos sozinhos, afinal. Suportável e, eventualmente (com sorte), calorosa.